REVISTA
APLAUSO
Guia de teatro

Em cartaz
Jornal do Teatro
Aderbal Freire-Filho
Beth Goulart
Clarice Niskier
Daniel Herz
Diogo Vilela
João Fonseca
Sérgio Marone
Ticiane Studart

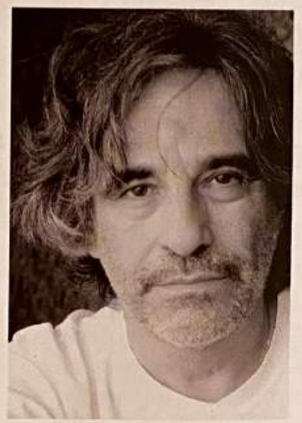
Adriana Rabello em...

Visitando Camille Claudel

A vida da escultora francesa sobe ao palco

ANO VII Nº 74
EXEMPLAR GRATUITO

O romance e o teatro



"Quando eu como peixe, ninguém me pergunta se está faltando carne no mercado. Mas basta montar um romance e a primeira pergunta que me fazem é: não existem mais peças para montar, não tem bons autores e bons textos?

Nem vou falar das peças do mundo, dois mil e quinhentos anos de contadores de histórias. Vou logo falar da panela de pressão aqui de casa. A Sociedade Brasileira de Autores (SBAT) tem um acervo de 50 mil peças, O que deve ter de preciosidade! A SBAT, aliás, é um clube extraordinário, fundado pelo pessoal da nova dramaturgia – a nova dramaturgia de 1917, bem entendido.

A piscina do Piraquê pode ser mais freqüentada, mas prefiro meu clube, o clube dos autores de teatro. Queria que mais gente também preferisse. Depois de 1917, inventaram o rádio, o cinema falado, a televisão e a SBAT. Acabaram o Teatro Trianon, o Recreio, o Santa Rosa, o teatro de revista e a SBAT.

Bom, tem essas 50 mil peças e as que estão sendo escritas hoje por gente muito boa e as que podem ser escritas no laço, como são escritos os roteiros de cinema. Mas vou montar mais um romance. O Zé Celso, graças a Deus e ao diabo, está montando *Os sertões*. O Antunes parece que vai montar o admirável *A Pedra do Reino*, do mestre Suassuna.

Eu vou de *romance-em-cena*, essa maluquice de juntar todas as minhas obsessões no mesmo saco, e de *O púcaro búlgaro*, do Campos de Carvalho, um gênio brasileiro, surrealista, mestre do *non-sense*, com sua expedição "Tohu-Bohu" ao reino da Bulgária, para ver se a Bulgária existe ou não existe. A expedição vai sair do Teatro Poeira, ponto luminoso abaixo do Equador no mapa mais recente do grande teatro do mundo. Cumprido esse périplo, se não tivermos avistado nenhuma Bulgária, é porque a Bulgária não existe mesmo ou então somos nós que não existimos. E o público, existe?"

Aderbal Freire-Filho, maio de 2006

Radioteatro

Nas décadas de 50 e 60, os ouvintes da Rádio Nacional não perdiam as transmissões de peças como *O direito de Nascer*. Agora a dramaturgia volta às ondas da AM 1130 KHZ, a partir de uma parceria entre a Casa da Gávea e a Radiobrás. Todas as primeiras segundas-feiras de cada mês, o *Ciclo de Leitura* – interpretações lidas de peças, sem sonoplastia, realizadas há 13 anos no Centro Cultural - será transmitido ao vivo, pela rádio da Praça Mauá, às 21h.

Teatro de rebolado

Até agosto, o espaço da Caixa Cultural – Teatro Nelson Rodrigues vai reviver os bons tempos do Teatro de Revista, com exposição de fotos e leituras dramatizadas, abertas ao público gratuitamente. Carmem Verônica e Iris Bruzzi já confirmaram a participação, que este mês será dedicado ao autor Jardel Jércolis. O projeto vai ser encerrado com a leitura de *No país da Jacutinga*, espetáculo inédito, com direção de Bibi Ferreira.

Teatro em tempo real

Cidade Vampira, em cartaz no Teatro Maria Clara Machado, concebida por Fausto Fawcett e Henrique Tavares, aborda a atração que crimes e escândalos provocam no noticiário, na literatura e no teatro. O ponto de partida é um fato real que chocou o país: o caso Suzane Von Richthofen, jovem paulista acusada de ser a mentora do assassinato dos próprios pais. O julgamento está marcado para o mês que vem.

Teatro de improviso

Nos anos 70, surgiu no Canadá uma nova forma de fazer teatro: a Liga Profissional de Improvisação (LPI), cuja proposta de temas é sempre feita pelo próprio público. Em maio, a Cia de Teatro Contemporâneo recebe o diretor do Festival Internacional de Improvisacion Teatral de Buenos Aires, Ricardo Behrens, para uma oficina de 20 horas. Ainda este mês, o grupo realiza a 2ª edição do Campeonato de Outono de Improvisação. Mais informações: www.ciadeteatrocontemporaneo.com.br.

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte); Simone Melamed (textos). Coordenadora de produção: Dani Albuquerque. Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Impressão: Sol Gráfica. Capa: Renato Neto /divulgação

Diogo Vilela

Intuição e paixão

DIVULGAÇÃO

"Cauby é um homem shakespeareano", diz Diogo Vilela.

A minha relação com o teatro – que é a minha paixão, a minha vida! – é meio mística: espero ter uma intuição forte para fazer algo. Um dia, estava assistindo uma entrevista do Cauby Peixoto na televisão, e a câmera foi fechando, enquanto fui entendendo como esse homem vive para cantar e toda a delicadeza e a peculiaridade que ele tem. É um homem shakespeareano! Aí tive a intuição: por que não fazer a vida dele no teatro?

Quando você faz um personagem de ficção, se a roupa que veste não é o seu número, você dá uma alinhavada para caber. Quando o personagem é verdadeiro, você tem de se adequar àquela pessoa, porque a roupa não vem pronta. O Cauby é um personagem que existe. Eu quero fazê-lo no teatro, botar a dramaticidade do Hamlet nele, dar uma dimensão para esse personagem que é um arquétipo, que todo mundo tem na imaginação: aquele que canta *Conceição* e usa roupas e perucas.

Encomendei a peça para o Flávio Marinho – *Cauby! Cauby! O musical*, que estréia no dia 13 de julho no Sesc Ginástico – e ele foi inteligente, não fez um Cauby realista, mas como ele pensa, as relações pessoais dele com Maysa, Dalva de Oliveira, Ângela Maria... Mandei o texto para o Cauby, que me deu várias recomendações. De vez em quando ele me liga e fala por metáforas. Um dia ele disse: 'Diogo, quero te falar uma coisa. Sabe aquele ator negro que ganhou o Oscar? É por aí!"

O Cauby não nega fogo na arte dele. Não sou antropólogo nem filósofo, mas vou tentar emocionar o Brasil todo com esta persona, que teve a vida voltada para a carreira e deveria ser mais bem recebida. O Cauby costuma dizer que é de uma época em que as pessoas precisavam ter voz pra cantar. Eu sou de uma época em que se precisava ter talento pra ser artista. O Cauby mexeu na minha alma."

Tudo sobre mulheres

Premiado em todo o mundo, texto inédito de Miro Gavran estréia no dia 12 de maio, no Teatro Leblon, com foco no universo feminino.

Por Simone Melamed

A autoria do texto é de um croata, e foi apresentado à diretora brasileira numa viagem à Argentina. Depois do sucesso de público e crítica na Europa e nos Estados Unidos, chegou a vez de os cariocas entrarem em contato com uma peça que, para além de nacionalidades e idiomas, trata de uma temática universal: as sutilezas e delicadezas do universo feminino. É como diz a letra da música, badalada nas FMs deste Brasil afora: "todos somos filhos de Deus, só não falamos a mesma língua."

"A primeira coisa que me atraiu nesta montagem foi o texto. Eu me apaixonei, fiquei encantada! Ele não é óbvio, e tem um olhar especial, consegue traçar um painel da alma feminina com cinco histórias e 15 personagens. O Miro Gavran (dramaturgo) me lembra o Tchekov, que fala do cotidiano, mas de uma

FOTOS: PEDRO ARRUDA / DIVULGAÇÃO

forma mais profunda. Não está na epiderme, são camadas e mais camadas emocionais", conta Beth Goulart, que contracena com as atrizes Clarice Niskier e Mariana Lima.

Jogos cênicos

Com uma narrativa fragmentada, o espetáculo apresenta diferentes situações que acabam se interligando. No final das contas, todo mundo tem a ver com todo mundo. Da infância à terceira idade, as atrizes abusam da versatilidade, interpretando personagens díspares, como duas irmãs que não se falam há sete anos, três companheiras de asilo e um trio de crianças. Tudo isto calcado na voz e no gestual das atrizes que, com um figurino básico, acrescentam apenas alguns acessórios para as dinâmicas mudanças de papéis.

"A Beth, por exemplo, faz uma velhinha de 92 anos e, ao mesmo tempo, uma menina de cinco e uma secretária perua, enlouquecida, de 30 e poucos anos. São personagens e personalidades física e emocionalmente muito diferentes. E como não tem troca de roupa, o trabalho para convencer a platéia de que se trata de um outro personagem fica em cima da interpretação delas. É um desafio para as atrizes e para a direção", revela a diretora, Ticiana Studart.

"O espetáculo propõe este jogo cênico, que é lindo de ver no teatro. É um presente ter esta oportunidade de poder exercitar ao máximo esta nossa delicada maneira de observar o ser humano. Ele puxa a nossa sensibilidade, a nossa inteligência mental e emocional. É estimulante para qualquer atriz. E a Clarice e a Mariana são um outro presente, porque são atrizes generosas e conectadas com o aqui e agora", ressalta Beth.

A estrutura da peça é moderna e fala da mulher em personagens sem clichês, sem as preocupações da mulher contemporânea. "É surpreendente como um autor conseguiu perceber, com nitidez, esta maneira da mulher de sentir, amar, rivalizar e se relacionar com o mundo que a cerca. Esta humanidade me lembrou Bergman, Almodóvar. Eu, que vinha de peças malditas de Jean Genet, Bukowski e Jean Cocteau, queria trabalhar o solar. E esta peça é solar: fala de amor, prioritariamente, solidariedade, família e compaixão", afirma a diretora, animada com a idéia de montar outros textos do dramaturgo croata. "O mundo interno pertence a todo o externo, ao planeta. O sentimento está em qualquer nacionalidade", completa Ticiana.

Trecho-aperitivo

Olga: Meninas, acho ótimo podermos nos divertir todo sábado sem os nossos maridos, sem aquelas queridas crianças chatas. E onde está o seu garanhão agora?
Dubravka: Mais galhudão que garanhão.
Greta: O garanhão foi levar o filho ao cinema. Para ver "Guerra nas Estrelas – Primeira Geração".
Olga: É o que ele merece. É um filme horrível. E o seu marido – está onde?
Dubravka: Ficou em casa com o menino. Provavelmente, estão vendo televisão.
Olga: Homens... o que há de melhor neles é quando estão vendo TV.
Greta: Achei que o melhor fosse quando eles estão na vibração.
Olga: Qual vibração?
Greta: Você sabe, aquela vibração.
Olga: Ah, aquela vibração. Cavalgando.
Greta: Aha.

N.I.S.E

Companhia Atores de Laura faz uma reflexão sobre a loucura no Teatro Café Pequeno, em homenagem à mulher que revolucionou a psiquiatria do século 20.

Imagine que você vai assistir a uma peça mas, ao invés de acompanhar a trama sendo desenvolvida no palco, o espetáculo é conduzido bem ali ao seu lado, ao longo de uma das paredes do teatro. O que à primeira vista poderia parecer um desvario, na verdade faz parte de uma proposta desconstrutivista de encenação, que pretende reverter a relação convencional entre público e cena, propondo uma nova experiência para a platéia. Nesse caso, uma experiência inesquecível pelo universo da loucura.

"Dizem que a diferença entre o louco e o artista é que nós temos a capacidade de enlouquecer e voltar. A idéia principal da peça é enaltecer o pensamento da Dra. Nise da Silveira, que construiu um olhar humanizado de entrega do ponto de vista afetivo, intelectual e de tempo, em relação a pessoas que entram numa coisa que a gente chama de loucura, mas que é a perda da capacidade de retornar da viagem. A grande questão levantada é que, por mais deteriorada e caótica que a pessoa esteja, sempre há um espaço interno e um lado criativo que pode ser potencializado através do afeto", explica Daniel Herz, diretor da montagem em cartaz no Teatro Café Pequeno.

Medo de enlouquecer

Através de oito personagens, a peça se propõe a mostrar o panorama com que a médica se deparou antes de implantar suas inovações de tratamentos psiquiátricos, como o uso da arte-terapia. É um desfile de tipos que entram em processos esquizofrênicos e vão se deteriorando, sofrendo com métodos que beiram o surreal. Um nono personagem – que é a própria encarnação da loucura – costura o espetáculo, sempre acompanhado de um contrabaixista.

"A Loucura é interpretada pela Susanna (Kruger), que dirige a companhia junto comigo. O projeto nasceu de um encontro dela com a escritora Maria da Luz e, de cara, todo mundo se apaixonou. Acabamos vivendo uma experiência nova de criação coletiva da companhia em parceria com ela. Passamos por um processo muito forte, um certo medo de enlouquecer. É uma fronteira tênue, e nós todos sofremos muito. Foi o processo mais avassalador desses anos todos", conta o diretor.

FOTOS: DALTON VALERIO / DIVULGAÇÃO

A redenção pela arte

Nise da Silveira começou a carreira psiquiátrica em 1933, no Hospital Pinel, no Rio de Janeiro. Simpatizante do comunismo, foi presa e só conseguiu retornar à profissão em 1944, no Centro Psiquiátrico Pedro II. Foi lá que, ao se recusar a usar métodos usuais da psiquiatria clássica - como eletrochoques e utilização indiscriminada de medicamentos – acabou sendo deslocada para um setor abandonado do hospital, a Terapêutica Ocupacional. Ali, a médica começou a sua grande revolução, lutando pelo respeito e inclusão do paciente psiquiátrico, com o foco do tratamento nas relações familiares e no que ela chamava de afeto catalisador. Nos anos 50, fundou o "Museu de Imagens do Inconsciente" e a "Casa das Palmeiras", um território livre onde portadores de transtornos psíquicos recuperam a auto-estima e a independência através de atividades diárias que têm na expressão criativa a sua grande aposta para a recuperação dos atendidos.

Visitando Camille Claudel

Monólogo no Centro Cultural Justiça Federal revisita, com delicadeza, a trajetória de vida da polêmica escultora francesa.

Por Simone Melamed

Como uma escultora que entalha seu trabalho, sem perder de vista os mínimos detalhes, foi assim que a atriz Adriana Rabello foi concebendo, com muito cuidado, os contornos de sua nova personagem, que ganha vida no palco do Centro Cultural Justiça Federal. Em *Visitando Camille Claudel*, a atriz percorre a vida e a obra da escultora francesa que dá nome

FOTOS: RENATO NETO / DIVULGA

ao espetáculo, e que ficou conhecida pela ousadia em transformar a paixão em sua grande matéria-prima.

"Ela era uma mulher passional, com uma força difícil de descrever. Viveu à frente da sua época, lutando contra preconceitos sociais e culturais. Quando assumiu o romance com Rodin, que era casado, teve seu reconhecimento prejudicado, já que era sempre comparada a ele, como se fosse uma cópia. Naquela época machista, as pessoas achavam impossível que toda aquela criatividade pudesse vir da cabeça dela. É uma personagem muito comovente", conta Adriana, também produtora da peça.

Processo de criação

O espetáculo acompanha o curso de memória de Camille – cujo trabalho foi fundamental para a história da arte mundial, do início do século XX – que passou 30 anos internada num manicômio, até a sua morte. Das lembranças da infância aos dias de sofrimento no asilo, passando pelo auge artístico em Paris, a montagem reinventa, de forma poética, as passagens mais marcantes da vida da artista, incluindo o relacionamento de 15 anos com o mestre Auguste Rodin e a luta para ser reconhecida numa profissão rigorosamente masculina.

"A idéia da peça surgiu em 1995, quando o diretor Marcio Vianna me apresentou à Camille. No ano seguinte, ele faleceu, mas a idéia ficou na minha cabeça. Em 1999, quando entrei em uma exposição do Museu de Arte Moderna, fiquei encantada! Depois de um tempo, fui à Paris e conheci Anne Delbée, autora do livro *Camille Claudel, uma mulher*, que foi a base para o filme do Bruno Nuytten, com a Isabelle Adjani. Foi depois do lançamento do livro, em 1980, que a Camille realmente passou a ser reconhecida. No final de tudo, a Anne me disse que a Camille que ela tinha escrito não existia, e que eu deveria inventar a minha", relembra Adriana.

Jogo próprio

E para esculpir a sua própria Camille, a atriz foi acrescentando um pouquinho do olhar de cada integrante da equipe, do diretor ao cenógrafo, sem esquecer do figurinista que, num primeiro momento, chegou até a criar roupas com um tecido feito de argila. Apesar da idéia inicial não ter vingado na peça, já foi devidamente patenteada e Wagner Souza acabou indo parar na Alemanha.

"Com o diretor, Ramon Botelho, eu fui buscar, no meu corpo, a sutileza, a leveza e o desequilíbrio que a personagem pedia. As marcações existem, mas posso colorir. É como um jogo de futebol, que tem as suas regras, mas posso fazer o meu jogo. Quando a Camille esculpia, se achasse que não estava bom, desmanchava. Ela era muito perfeccionista, e também sou assim", diz a atriz, já totalmente imbuída da passionalidade de sua personagem.

Exposição de arte

Paralelamente à peça, o Teatro do Centro Cultural da Justiça Federal exibe uma exposição de arte contemporânea na qual onze artistas expõem trabalhos criados especialmente para a mostra, a partir da leitura de biografias e cartas, além da contemplação do acervo com as obras de Camille Claudel.

Escravas do amor

FOTO: GUGA MELGAR / DIVULGAÇÃO

Com vários prêmios na bagagem, companhia fundada por Antônio Abujamra celebra seus 15 anos no cenário teatral.

Muito privilegiados e pouco f..... É assim que João Fonseca, diretor da *Cia F... Privilegiados* define (com um sorriso de orelha a orelha) o momento do grupo, em plena comemoração dos seus 15 anos de existência. E para coroar a festa, a trupe escolheu o texto inédito *Escravas do Amor*, de Nelson Rodrigues – paixão unânime dos integrantes da companhia – para encenar até o início de julho, no Centro Cultural Telemar.

Escrita, originalmente, em forma de folhetim, com o pseudônimo de Suzana Flag, a obra ganhou adaptação dramatúrgica feita pelo próprio diretor. "A nossa primeira montagem do Nelson foi com *A Serpente*, e depois nós passamos um ano estudando toda a obra não-teatral dele. Acabamos montando *O Casamento*, que até hoje é o nosso maior sucesso. Como existem muitas montagens das peças de Nelson Rodrigues, e a nossa companhia tem, como diferencial, a tradição de trazer textos novos, resolvemos fazer esta adaptação. O texto foi escrito como novela, e era acompanhado pelo público como tal. O mais difícil da adaptação foi ser fiel ao romance e à nossa própria linguagem. Brincar com o folhetim, mas respeitá-lo também", explica Fonseca.

Paixões reprimidas

Repleta de surpresas e reviravoltas – como todo folhetim que se preze – a trama tem, como alvo principal, uma tradicional e bem abastada família da década de 40. No dia do noivado da filha única, seu pretendente se suicida na sua frente. E, como no mundo rodriguiano desgraça pouca é bobagem, logo em seguida a mãe resolve contar à moça, desconsolada, que a verdadeira paixão do noivo era ela e não a filha. A partir daí, as revelações familiares vão aparecendo, em efeito dominó, num desnudamento que só poderia levar a assinatura de Nelson Rodrigues, ainda que protegido por um pseudônimo.

"As pessoas, hoje em dia, sabem que essas coisas acontecem, mas a boa e velha hipocrisia ainda reina. Acho que isso só vai deixar de chocar quando as pessoas entenderem que mesmo os sentimentos menos nobres são extremamente pertinentes a nós, seres humanos. Infelizmente, muitos continuam se interessando mais pela vida alheia do que pelo seu próprio universo. As máscaras ainda não caíram e enquanto essa *mise-en-scène* não acabar, terá sempre um Nelson para nos puxar de volta à realidade", comenta Sérgio Marone, um dos atores convidados para participar da montagem, ao lado de Juliana Barone e Jackie Sperandio.

E assim nasceu Suzana Flag...

Diretor de redação das revistas "Detetive" e "O Guri", Nelson Rodrigues estava sempre à procura de outros trabalhos que lhe garantissem dinheiro extra. Um dia, soube que a família Chateaubriand estava querendo comprar um folhetim americano ou francês para aumentar as tiragens de "O Jornal", que contava apenas com três mil exemplares por dia. Prontamente, o dramaturgo se ofereceu para escrever um folhetim, mas como não queria assiná-lo e os diretores da publicação queriam um nome estrangeiro para atrair a atenção dos leitores, ele acabou criando a figura de Suzana Flag, na coluna diária "Meu destino é pecar". Além de aumentar vertiginosamente a tiragem do jornal, Suzana Flag se tornou um mito. Com o pseudônimo feminino, Nelson publicou seis livros, resultantes das colunas: "Meu destino é pecar" e "Escravas do amor" (1944), "Minha vida" (1946), "Núpcias de fogo" (1948), "O homem proibido" (1951) e "A mentira" (1953).

Asas da cultura

Enquanto busca soluções para o delicado momento que está vivendo, a Varig continua investindo no teatro nacional, valorizando e difundindo a cultura brasileira.

Por Simone Melamed

No final dos anos 60, um *jingle* de Natal – criado por Caetano Zamma, para festejar a data – não só ficou gravado para sempre na memória afetiva de toda uma geração, como acabou virando um dos ícones da empresa que assinava a vinheta, quase como um sinônimo da sua marca. Os primeiros acordes diziam assim: "Estrela brasileira no céu azul, iluminando de Norte a Sul...". Agora, enquanto a Varig passa por uma crise sem precedentes, com sérias ameaças de encerrar as operações, manifestações de apoio à companhia começam a pipocar por todos os lados, incluindo a classe teatral, que há muito tempo conta com a parceria da empresa de transporte aéreo – através do projeto *Asas da Cultura* – para levar suas produções para os quatro cantos do país.

"A Varig foi a primeira empresa, a pioneira no incentivo cultural no Brasil, mesmo antes da Lei Rouanet. Mesmo com a crise econômica pela qual está passando, ela continua patrocinando o teatro, sem o pensamento frio de retorno de marketing imediato. A Varig é a cara do Brasil, é um patrimônio cultural da Nação. Ela se confunde com os nossos monumentos históricos.

Se o governo deixar a Varig falir é como se deixasse o Flamengo acabar, a Mangueira terminar e o Copacabana Palace ser fechado. Independentemente do apoio à cultura, a Varig é uma referência da gente, de cidadania", declara Eduardo Barata, presidente da Associação dos Produtores de Teatro do Rio de Janeiro (APTR), que promoveu, no mês passado, um ato em solidariedade à empresa, reunindo uma centena de grandes nomes da dramaturgia nacional, entre atores, produtores e diretores.

"Este ato de apoio que a Varig recebeu da APTR, do qual participaram indiscutíveis e renomadas personalidades da cultura nacional, é legítimo e merecido. A Varig mantém, em sua estratégia de marketing, o projeto *Asas da Cultura* que, de forma profissional, patrocina projetos culturais de dramaturgia, dança, música clássica e cinema brasileiros. Este apoio garante elevado retorno à marca e sustenta um de seus fortes atributos, que é a brasilidade. Os resultados destes investimentos são compensadores e de elevado valor para todos, numa fórmula em que todos ganham. Os produtores e artistas conseguem viabilizar economicamente seus projetos, ganhando mobilidade e colocando-os à disposição de um público maior, que, de outra forma, não teria acesso aos espetáculos. Os benefícios para a Varig estão na divulgação, associando sua marca ao Brasil através do esporte e cultura, valorizando seu prestígio e reputação. Com todas as suas virtudes e defeitos, a Varig é brasileira", diz Faustino Pereira, diretor de marketing da companhia aérea.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Esforço e Força

"Tenho a impressão de que o Teatro no Brasil não teria sido possível - a não ser no eixo Rio/São Paulo - sem a participação ativa da Varig, que sempre teve a compreensão da importância de transportar cultura num país continental como o nosso, com preços espaciais, inatingíveis para qualquer produção. Acredito que o Teatro no Brasil sobreviveu, em grande parte, graças à Varig. E neste Brasil, em que vemos tanta coisa jogada fora, uma empresa que representa o nosso país - inclusive no exterior, com um marco quase como um consulado – um símbolo de esforço e força não pode deixar de existir. Não podemos pensar em perder mais esta"

Nathalia Timberg, atriz

Pé na estrada

"A Varig sempre foi uma parceira, apoiando meus trabalhos no teatro. A empresa viabiliza as excursões pelo Brasil – não só transportando os atores, mas cenários e figurinos – e sem isto seria impossível viajar. Um outro aspecto é que nas viagens internacionais, as lojas da Varig sempre funcionaram tanto ou mais do que as embaixadas brasileiras, com o apoio, solicitude e presteza dos funcionários. Eu lembro de uma loja da Varig em Paris, na Champs Elysées, que dava muito orgulho para nós. Então, se ela sempre foi uma empresa parceira, nessas horas o mínimo que posso dar é o meu apoio. Se você pensar quantas empresas o governo anistiou, perdoou dívidas e foi solidário, por que não faz isto com a Varig? A gente tem de apoiar a 'Estrela Brasileira' "

Irene Ravache, atriz

Em cartaz, com patrocínio Varig

- "Mulheres por um fio"
- "Um Caminho para Dois"
- "Divã"
- "Um Circo de Rins e Fígados"
- "O Rim"
- "Sonata de Outono"
- "Orlando Silva, O Cantor das Multidões"

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

A ÉTICA É UMA COMÉDIA

Adaptação das peças *As Nunvens* e *Um Deus chamado dinheiro*, de Aristófanes, que questionam se o que deve prevalecer são os valores materiais ou os espirituais. Direção e adaptação: Jitman Vibranovski. Com Paulo Antunes. Local: **Espaço SESC / Sala Multiuso** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2548-1022. Sexta e sábado, 20h. Domingo, 19h. R$ 6. Estudantes e idosos têm 50% de desconto. A partir de 5 de maio.

ABERRAÇÕES

Espetáculo de humor sarcástico que aborda situações insólitas e absurdas do cotidiano. Texto: Moisés Liporage. Direção: Paula Wenke. Com Mariana Consoli, Lima Barboza e Aparecida Petrowky, entre outros. **Teatro Café Pequeno** (Avenida Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). Fone: 2294-4480. Terça e quarta, 21h. R$ 20.

CAMILA BAKER – A SAGA CONTINUA

A peça conta a vida da fictícia Camila Baker. Depois de conhecer o sucesso, chega ao fundo do poço acusada de assassinar o próprio marido. Texto: Emílio Boechat. Direção: Fernando Guerreiro. Com Daniel Boaventura, Zeu Britto, Leonardo Brício, Marcos Mion e Otávio Muller. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. Quinta, R$ 40. Sexta e domingo, R$ 45. Sábado, R$ 50.

CASAL TPM

Um retrato bem humorado da relação de amor e ódio entre homens e mulheres. Texto: Paula Giannini. Direção: Amauri Ernani. Com Paula Giannini e Amauri Ernani. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Quinta, 21h. Sexta, 19h. A partir de 11 de maio.

CHE GUEVARA

A peça reconstitui as últimas dezoito horas de vida do revolucionário cubano, baseada num interrogatório, liberado trinta anos após a sua morte. Texto: John Vaz e Luiz Lula Dias. Direção: John Vaz. Com John Vaz e Fernando Bicudo, entre outros. **Fundição Progresso – Barraco das Artes** (Rua dos Arcos s/no., Lapa). Fone: 2220-7074. Sexta a domingo, 19h30. R$ 20.

CIDADE VAMPIRA

Visão apocalíptica do caos urbano, a partir de um célebre crime que chocou o país Texto: Fausto Fawcett e Henrique Tavares. Direção: Henrique Tavares. Com Fausto Fawcett e Carla Faour. **Teatro Maria Clara Machado** (Rua Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2274-7722. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20.

COVA RASA

Baseada no filme *Shallow Grave*, a peça conta a história de um trio de amigos que divide um apartamento, até que chega um desconhecido para morar com eles. Texto: John Hodge. Direção: Luiz Furlanetto. Com Leonardo Carvalho, Mariana Rhosa e Pedro Garcia Netto. **Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro III** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h. R$ 10.

ECOSHOW

Musical propõe uma reflexão sobre a crise ecológica atual, misturando raízes tribais com world music. Concepção, direção geral e coreografia: Ciro Barcelos. Direção musical: Leo Caputti. Com Ciro Barcelos e a banda Guardiões da Floresta. **Teatro Ipanema** (Rua Prudente de Morais, 824, Ipanema). Fone: 2523-9794. Domingo, 20h30. R$ 30.

ESCRAVAS DO AMOR

Adaptação inédita de folhetim assinado por Suzana Flag, pseudônimo de Nelson Rodrigues. Texto: Nelson Rodrigues. Adaptação e direção: João Fonseca. Com a companhia Os F... Privilegiados e Juliana Barone, Sergio Marone e Jackie Sperandio. **Centro Cultural Telemar** (Rua Dois de Dezembro, 63, Flamengo). Fone: 3131-1227. Sexta a domingo, 19h30. R$ 10.

ESFÍNCTER

Projeções de imagens do interior do corpo humano se misturam com os corpos nus dos atores e com a musicalidade do texto. Concepção, roteiro dramatúrgico e direção: Ana Kfouri. Textos: Valère Novarina. Com a Cia. Teatral do Movimento (CTM). **Espaço Cultural Sérgio Porto** (Rua Humaitá 163, Humaitá). Fone: 2266-0896. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20. De 5 a 21 de maio.

FRANCISCO DE ASSIS

Completando dez anos em cartaz, o musical conta a vida do santo, considerado um dos maiores mitos da espiritualidade universal. Texto, direção e coreografia: Ciro Barcelos. Com Ciro Barcelos, Patrick Dadalto e Camila Caputti. **Teatro Ipanema** (Rua Prudente de Morais, 824, Ipanema). Fone: 2523-9794. Sexta, 18h30. Sábado, 21. R$ 30.

MISTICISMO

O lado frágil e engraçado de diferentes crenças e religiões é mostrado em esquetes variados.Texto, direção e atuação: Cia. Melhores do Mundo. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Sexta a domingo, 20h. R$ 35.

N.I.S.E

Uma reflexão sobre a loucura, inspirada no trabalho da Dra. Nise da Silveira, que revolucionou o tratamento psiquiátrico no século XX. Texto: Companhia Atores de Laura e Maria da Luz. Direção: Daniel Herz. Com a Companhia Atores de Laura. **Teatro Café Pequeno** (Avenida Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). Fone: 2294-4480. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. De 5 a 28 de maio.

NÓS NA FITA

Esquetes bem-humorados em cima de pequenas situações cotidianas. Texto: Marcius Melhem. Direção: Alexandre Régis. Com Marcius Melhem e Leandro Hassum. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Quinta a domingo, 21h30. Quinta e sexta, R$ 35. Sábado e domingo, R$ 40.

O BEIJO NO ASFALTO

Homem tem a vida virada ao avesso, ao atender o pedido de um moribundo, lhe concedendo um beijo na boca. Texto: Nelson Rodrigues. Direção: Michel Bercovicth. Com Emílio Orciollo Netto, Leopoldo Pacheco, Fernanda Machado, Carlos Gregório e a *Companhia Prática de Teatro*. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2247-6946. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 30.

O HOMEM INESPERADO

Um escritor famoso e uma fã de seus romances viajam num trem, sem se falar, mas exteriorizando sentimentos sobre o amor, a amizade, o trabalho. Texto: Yasmina Reza. Direção: Emílio de Mello. Supervisão: Daniel Filho. Com Paulo Goulart e Nicette Bruno. **Centro Cultural dos Correios** (Rua Visconde de Itaboraí 20, Centro). Fone: 2503-8222. Primeira semana: de sexta a domingo. Segunda semana: de quarta a domingo. Terceira e quarta semana: de terça a domingo. Sempre às 19h. R$20,00. A partir de 5 de maio.

O PEQUENO EYOLF

Clássico, inédito no Brasil, revela a hipocrisia e o materialismo da sociedade, abordando os conflitos entre dois casais e o filho de um deles. Texto: Henrik Ibsen. Direção: Paulo de Moraes. Com Carla Marins, Tânia Pires. Local: **Espaço SESC** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2548-1022. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 19h30. R$ 12. Estudantes e idosos têm 50% de desconto. A partir de 4 de maio.

OS HOMENS SÃO DE MARTE ... E É PRA LÁ QUE EU VOU

Fernanda, jornalista solteira, relata seus conflitos e dilemas na busca de um grande amor. Texto e atuação: Mônica Martelli. Direção: Victor Garcia Peralta. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, 3º piso, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. Quinta, R$ 35. Sexta e domingo, R$ 40. Sábado, R$ 45.

OS MONÓLOGOS DA VAGINA

A peça volta aos palcos cariocas com um divertido mosaico sobre a sexualidade feminina. Texto: Eve Ensler. Adaptação e direção: Miguel Falabella. Com Tânia Alves, Fafy Siqueira e Vera Setta. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. Quinta, R$ 30. Sexta e domingo, R$ 40. Sábado, R$ 45.

ÓPERA DO MALANDRO EM CONCERTO

Produção musical com novo formato e músicas inéditas, mantendo o elenco da peça que foi sucesso em 2003. Direção e figurinos: Charles Möeller. Roteiro e direção musical: Claudio Botelho. Com Soraya Ravenle, Alessandra Maestrini e Claudio Lins. Local: **Teatro Leblon – sala Marília Pêra** (Rua Conde Bernadotte 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Quinta e sexta, 21h. Sábado, 18h30. Domingo, 20h. Quinta, sexta e Domingo, R$40. Sábado R$50. A partir de 5 de maio.

OVO FRITO

Uma obra-aberta-manifesto-cênico em dois atos: espetáculo com textos inéditos e debates com questões levantadas pela peça, como a perplexidade de se viver no mundo atual. Texto: Fernando Bonassi. Direção: Moacir Chaves. Com Alessandra Colasanti, Julia Carrera e Luciana Borghi. **Espaço Rogério Cardoso – Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Quartas, 21h. R$ 20. R$ 10,00 (estudante). Caipirinha grátis.

QUEM É QUE MANDA

Machista resolve fazer terapia para melhorar sua relação com as mulheres e acaba se apaixonando pela própria analista. Texto e direção: Duda Ribeiro. Com Kiko Mascarenhas, Lúcia de Sá, Rafaela Mandelli e Renata Castro Barbosa. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Terça e quarta, 21h. R$ 30.

QUINTESSÊNCIA

Buscando a fusão entre som, movimento e narrativa, o espetáculo se divide em três partes que remetem a temas como criação do universo, terra e paixão. Concepção e atuação: Marianna Peçanha, Paulo Antonini, Claudio Lyra e Mari Dias. **Espaço Cultural Sérgio Porto** (Rua Humaitá, 163, Humaitá). Fone: 2266-0896. Sexta e sábado, meia-noite. R$20,00. A partir de 19 de maio.

RÁDIO NACIONAL – AS ONDAS QUE CONQUISTARAM O BRASIL

Com supervisão de Bibi Ferreira, musical faz homenagem à época de ouro da Rádio Nacional. Texto: Fátima Valença. Direção: Fábio Pillar. Com Cláudia Vigonne, Fábio Pillar e Sylvia Bandeira. **Teatro Maison de France** (Av. Presidente Antônio Carlos, 58, Centro). Fone: 2215-1708. Quinta a sábado, 20h. Domingo, 19h. Quinta e sexta, R$ 40. Sábado e domingo, R$ 50.

SAVINA

O espetáculo faz um mergulho no instigante universo dos ciganos, inspirado na obra do escritor romani Mateo

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

Maximoff. Texto e concepção: Ana Teixeira e Stephane Brodt. Direção: Ana Teixeira. Com a Cia. Amok Teatro. **Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro I** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a sábado, 19h. Domingo, 19h e 21h30. R$ 10.

TAUROMAQUIA

O universo do sertão e a figura do vaqueiro servem como metáfora para se falar sobre a clausura humana. Criação: Cia Teatro Balagan. Direção: Maria Thaís. Dramaturgia: Alessandro Toller. Com a Cia Teatro Balagan. **Caixa Cultural / Teatro Nelson Rodrigues** (Av. Chile, 230 (anexo) – 3º andar - Centro). Fone: 2262-5483. Sexta a domingo, 19h30. R$ 5. De 12 a 28 de maio.

TUBO DE ENSAIO

Esquetes de humor que trazem tipos como o coelho que detesta distribuir ovos de Páscoa e as irmãs siamesas que ganham a vida como cantoras sertanejas. Texto: Isadora Andrade e Paula Rocha. Direção: Tubo de Ensaio. Com Wendell Bendelack, Luís Águia e Juliana Guimarães. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Sexta e sábado, 23h. A partir de 12 de maio.

TUDO SOBRE MULHERES

Cinco histórias interligadas que fazem um raio-X da alma feminina. Texto: Miro Gavran. Direção: Ticiana Studart. Com Beth Goulart, Clarice Niskier e Mariana Lima. Local: **Teatro Leblon – sala Marília Pêra** (Rua Conde Bernadotte 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Quinta, R$35. Sexta e Domingo, R$40. Sábado R$50. A partir de 12 de maio.

UM CAMINHO PARA DOIS

Os altos e baixos durante 25 anos de casamento. Texto e direção: Flavio Marinho. Com Luciana Braga e Osmar Prado. **Teatro dos Grandes Atores – Sala Azul** (Avenida das Américas, 3.555, Shopping Barra Square). Fone: 3325-1645. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. Quinta e sexta, R$ 35. Sábado e domingo, R$ 40.

UM HOMEM É UM HOMEM

Primeira comédia de Brecht, na qual a transformação de um estivador em um soldado serve como alegoria para se falar da anulação do indivíduo diante dos interesses da sociedade. Texto: Bertolt Brecht. Adaptação livre e direção: Paulo José. Com o Grupo Galpão. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes s/n). Fone: 2232-8701. Quinta a domingo, 19h30. Quinta, R$ 20. Sexta a domingo, R$ 25. A partir de 5 de maio.

VISITANDO CAMILLE CLAUDEL

Monólogo livremente inspirado na vida e na obra da escultora francesa Camille Claudel. Texto e direção: Ramon Botelho. Com Adriana Rabello. **Centro Cultural Justiça Federal** (Av. Rio Branco 241, Centro). Fone: 3212-2565. Quinta a domingo, 20h. R$ 20.

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica

FOTOS: TV GLOBO/DIVULGAÇÃO

Bent

"Uma peça muito bem escrita, que conta uma história triste e apaixonante, remontando aos tempos do nazismo, nos anos 40. Os atores principais, Augusto Zacchi e Gustavo Rodrigues, estão excelentes!"

Jacqueline Laurence, atriz

Ovo frito

"O texto contundente do Fernando Bonassi é recheado de humor e lucidez, e permite às atrizes Alessandra Colasanti, Julia Carrera e Luciana Borghi expressarem todo o seu carisma e versatilidade. Uma ácida reflexão sobre nossos dias, dirigida com simplicidade e inteligência por Moacir Chaves."

Bruce Gomlevsky, ator

Z.É. – Zenas Emprovisadas

"Divertida e inteligente! É muito bom ver jovens atores improvisando. São atores com energia e espontaneidade, que fazem a gente sair bem do espetáculo!"

Bianca Comparato, atriz

Rádio Nacional – As ondas que conquistaram o Brasil

"Assisti a peça duas vezes, e é bonito e emocionante ver todo mundo cantando junto. O público se identifica muito com aquelas músicas que nossos pais e avós cantavam. É um musical muito bem feito."

Stella Freitas, atriz

A peça, indicada para representar a América Latina no Festival Ibsen da Noruega, revela a hipocrisia, o individualismo e o materialismo da nossa sociedade.

O pequeno Eyolf

Incensado como um dos maiores dramaturgos do século 19, o norueguês Henrik Ibsen ganha, este ano, merecidos tributos, que não vão deixar passar em branco o centenário de sua morte. E para dar o pontapé inicial às homenagens, o Espaço Sesc recebe a montagem inédita de *O pequeno Eyolf*, um dos inúmeros clássicos deixados pelo escritor.

Com direção de Paulo de Moraes – vencedor, no mês passado, da 18ª edição do Prêmio Shell referente aos espetáculos apresentados em 2005, na categoria direção, com a peça *Toda Nudez Será Castigada* – a peça, escrita em 1894, chega ao público carioca com uma releitura atual do texto.

"A produção de uma dramaturgia contemporânea é absolutamente importante para a própria sobrevivência do teatro. Textos que reflitam o momento atual são fundamentais. E linguagens que mostrem nosso tempo, idem. Mas os clássicos sempre vão ter o seu lugar. Lançar um olhar de hoje sobre textos escritos há séculos, encontrar os pontos de contato entre diferentes momentos históricos e aprender com esses momentos continua sendo imprescindível", diz o diretor.

E para chegar ao resultado desejado, a encenação já começa com um diferencial no próprio cenário: um píer de madeira, cercado de água por todos os lados, que deixa os personagens quase que ilhados em seu próprio mundo. "No segundo ato, quando as revelações da família têm início, as cenas acontecem dentro da água, o que é uma imagem interessante e reveladora deste mundinho burguês em que eles vivem", antecipa Paulo.

A Mulher dos Ratos

Na peça, ciúme, desprezo e poder vêm à tona, a partir das relações vividas por um quarteto de adultos e uma criança. Uma rica e sedutora proprietária de terras (Tânia Pires) é casada com um escritor (Fernando Alves Pinto) totalmente dependente financeiramente dela, enquanto nutre um outro tipo de dependência com sua meia-irmã (Carla Marins): a afetiva. Esta, por sua vez, é a grande paixão de um amigo da família (João Vitti), que também tem muito carinho pelo pequeno Eyolf, o filho único do casal, que sofre de uma deficiência em uma das pernas. Mas a estrutura familiar é definitivamente abalada, quando recebe a inesperada visita de uma figura lendária da cidade: a Mulher dos Ratos.

"O texto faz reflexões sobre a inércia e a nossa possibilidade real de mudança. Há o personagem que representa o otimismo, a valorização da vida e a superação dos obstáculos. Mas também há a Mulher dos Ratos, uma personagem mítica relacionada com a cultura da época e com a visão da morte", comenta João Vitti, que interpreta os dois papéis na peça. "A visão ácida que o Ibsen apresenta da burguesia, neste texto, e a ironia com que ele enxerga a possibilidade de mudança na vida das pessoas, mesmo a partir de acontecimentos trágicos, é muito atual", completa o diretor.

ILUSTRAÇÃO SOBRE FOTOS DE RIELLY E ANA BRANCO / DIVULGAÇÃO

Anote na agenda

Além do espetáculo, o "Festival Centenário Ibsen" vai contar com leituras dramatizadas - dirigidas por nomes de peso do cenário teatral, como José Celso Martinez Corrêa e Eduardo Tolentino – durante todo o mês de maio, sempre às quintas-feiras, às 20h, com entrada franca. Os encontros serão precedidos de palestras. A primeira será: "Ibsen e Grieg – a natureza como fonte de inspiração".

O beijo no asfalto

Com direção de Michel Bercovith, Companhia Prática de Teatro celebra dez anos de atividades com clássico rodriguiano.

Por Simone Melamed

FOTOS: MARCO ANTONIO GAMBOA / DIVULGAÇÃO

Quando o assunto é teatro, Emilio Orciollo Netto e Michel Bercovith têm tanta identificação que podem ser considerados almas gêmeas. Depois da primeira parceria profissional em 2003, com a peça *O Cara que Dançou Comigo,* agora a dupla de amigos se engaja num novo projeto, com a montagem de *O Beijo no Asfalto*, na Casa de Cultura Laura Alvim.

"Teatro, para mim, é trabalho coletivo. Sempre foi e sempre será. Eu andava relendo algumas coisas de Nelson Rodrigues quando fui à casa do Michel – que tem um conhecimento profundo do autor – querendo montar *Bonitinha mas ordinária*. Na hora, ele me falou de *O beijo no asfalto*, a primeira peça que a companhia dele montou, quando ainda era amadora. Reli e achei que a peça tem a ver com o que a gente está vivendo e está querendo dizer. É uma história bem contada", diz Orciollo, em sua primeira empreitada pelo universo do chamado *Anjo Pornográfico*.

Vida exposta

E a história que ele resolveu contar – ao lado de um elenco de 14 pessoas, com destaque para Leopoldo Pacheco, Fernanda Machado e Carlos Gregório – é daquelas que não negam a impressão digital do autor. Após ser atropelado, um homem pede a um desconhecido que lhe atenda a um último desejo: um beijo na boca. De boa índole, o rapaz não nega o pedido, que é presenciado por um repórter sensacionalista que vê, ali, a notícia do ano. Com a cumplicidade de um delegado corrupto, ele distorce e manipula o acontecido, transformando, para sempre, a vida do homem e de toda a sua família.

"Hoje em dia, nós vivemos num mundo completamente voltado para a fama, para o marketing pessoal. A mídia tem influência direta na vida das pessoas, e pode levar um sujeito para cima ou para baixo. Como artista, eu tenho este questionamento: até que ponto a mídia e os jornais podem modificar a vida de um homem? Nelson já falava disto há 40 anos e, em 2006, ainda estamos expostos a situações assim", comenta Orciollo, protagonista do espetáculo. "Estamos a serviço do Nelson, que é o nosso Shakespeare. Muita gente me pergunta, principalmente quem já viu muitas peças dele, se a montagem é moderninha. Costumo dizer que é uma montagem ´papai e mamãe´. Tem um quê de moderno, mas não é este o foco. O foco é o texto dele e a entrega de cada um, para contar esta história sob a nossa ótica".

A primeira vez

Em 1961, a atriz Fernanda Montenegro pediu para que Nelson Rodrigues escrevesse uma peça para o seu grupo de atores, o Teatro dos Sete. Concebido em apenas três semanas, o texto foi inspirado na história de um velho jornalista do jornal "O Globo" que, depois de ser atropelado por um ônibus, achando que estava prestes a morrer, pediu um beijo a uma jovem que tentava ajudá-lo. Devidamente adaptada, com os toques apimentados do dramaturgo, a trama se transformou num imenso sucesso, ficando sete meses em cartaz. Na época, o autor costumava ir ao teatro para ver a reação da platéia, e não foram poucas as vezes em que tomou satisfações com quem saía indignado, no meio do espetáculo.

Ernani Moraes e André Valle em "Viúva, porém honesta", de Nelson Rodrigues, 1981

Sem o apoio de vocês, não voaríamos tão longe...

ELKE

Lavanderia Flor de Copacabana

GOLDEN VITAL

jf jacqueline ferté

EDITORA Abril

achē www.ache.com.br

POLIRON

jamef ENCOMENDAS URGENTES

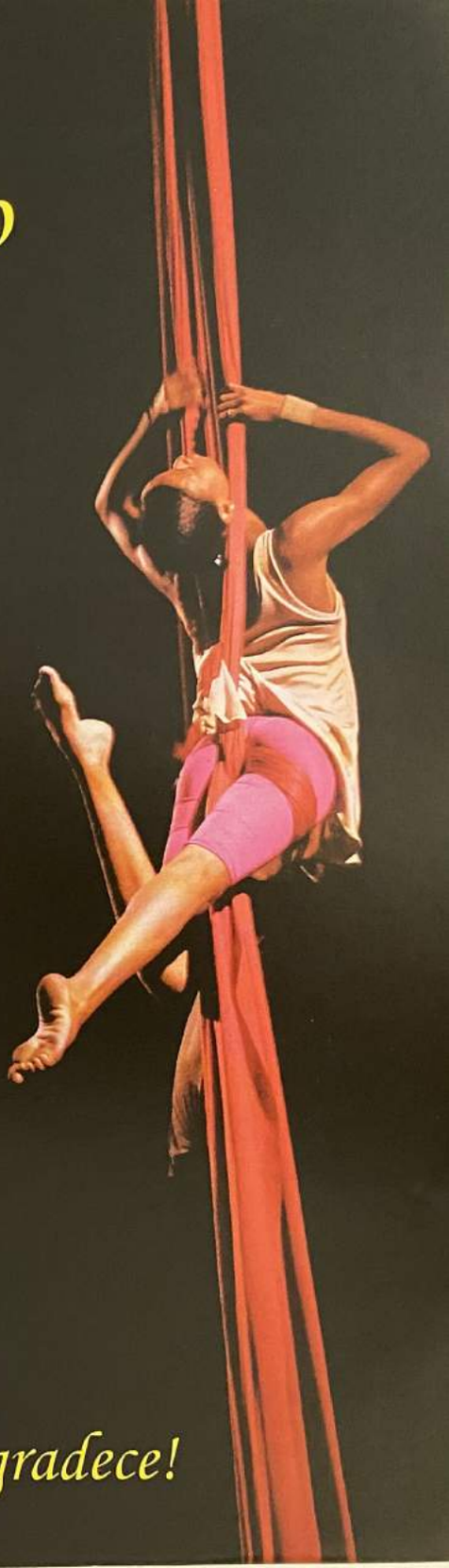
Santa Edwiges

Areal Tossati

RAYONTEX FIOS E FIBRAS SINTÉTICAS

DeMillus Veste muito melhor

O Galpão Aplauso agradece!



CENTRO CULTURAL CORREIOS

APRESENTA

O HOMEM INESPERADO

com Paulo Goulart e Nicette Bruno

DE QUARTA A DOMINGO, ÀS 19H, ATÉ 28 DE MAIO.

EXPOSIÇÕES

DE TERÇA A DOMINGO, DAS 12H ÀS 19H (ENTRADA FRANCA)

PINTURAS E DESENHOS
de Diô Viana
Até 4 de junho

CAMINHOS HUMANOS
de Pedro Wrede
Até 4 de junho

EXTENSÕES de Carina Becker
Até 28 de maio

Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro - Tel.: 2253-1570 - www.correios.com.br

CORREIOS Ministério das Comunicações BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL